

MULHERES OPRIMIDAS, MULHERES VENCIDAS¹

Fátima Quintas².

Substrato de uma pesquisa maior, este texto busca apreender a ideologia feminina entre mulheres faveladas, mais precisamente as da comunidade Beira-Rio Benfica, localizada no bairro da Madalena, no Recife, Pernambuco. O conceito de ideologia³ aqui é entendido como o conjunto de idéias que permeia a concepção de vida do estamento feminino, direcionando, muitas vezes, um comportamento específico diante de destinos nem sempre ajustados a modelos “racionalistas”. Com isto eu quero dizer que a tendência observada se associa a parâmetros emocionais de grande intensidade, vez que o próprio cotidiano se pauta em bases de conflito ao lidar com claras oposições binárias para lembrar figurinos lévi-straussianos (1975). Adotando uma cosmovisão fluida e, até mesmo, frouxa, arredias às ortodoxias dos ismos, o que poderia provocar mais abrandamento na estrutura existencial, essas mulheres não escapam, entretanto, de sentimentos bem definidos de culpa. Pode parecer contraditório, mas a realidade que se apresenta carrega estereótipos severos em cobranças ao induzir responsabilidades, desde cedo introjetadas. Há que se entender as razões que bordejam a socialização infantil de uma família predominantemente incrustada em preceitos patriarcais, machistas e falocráticos. As tradições conservadoras eclodem no bojo da questão como paradigmas a serem seguidos e aplaudidos. “Também é característico do regime patriarcal o homem fazer da

¹ - As mulheres aqui estudadas não pertencem a associações comunitárias. Aliás, a favela Beira-Rio Benfica, apesar de antiga, não possui articulações “sindicais”, o que a torna vulnerável a pressões externas e pouco mobilizada em reivindicações coletivas.

² - Antropóloga do Departamento de Antropologia do Instituto de Pesquisas Sociais (INPSO) da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

³ - O conceito de ideologia aparece dentro dos parâmetros da Antropologia. A sua acepção se refere ao domínio ideativo de uma cultura. Uso o termo no sentido que lhe pretendeu dar o seu criador, Antoine Destutt de Tracy, que, no final do século XVIII, criou “ideologia” para englobar o que ele chamou de “ciência das idéias”. Kaplan, David e Manners, Robert A. *Teoria da Cultura*, p. 171.

mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela, o fraco; ele, o sexo nobre, ela, o belo” (Freyre, 1951, p.253). Não poderia ser de outra forma a abstração conceptual de uma população feminina mergulhada nos abismos da penúria intelectual e econômica, indefesa na sua potencialidade individual. O mundo se dualiza através de caminhos supostamente desejados pelo imaginário coletivo intuído por Jung. Crianças, precoces no aprendizado da vida, convencem-se de seculares ensinamentos que em nada libertam os preconceitos, antes os robustecem numa dinâmica eficaz de opressão. A mulher recorre a fatalismos negativos na tentativa de justificar os percalços de uma longa história. O que se poderá esperar dessa história, tão acostumada a privilegiar os vencedores e a olvidar os vencidos, aqueles que, nos bastidores, se enturvam com as luzes de palcos arbitrariamente iluminados?

Esta pesquisa se inicia com alguns questionamentos que advêm de outros estudos por mim realizados. Em nenhum momento esqueci a minha condição de mulher, logo, a minha solidariedade de gênero. Conheço as interferências que se processam no uso de uma metodologia qualitativa, repleta de subjetivismos e de interjeições que podem reclamar a emblemática neutralidade axiológica weberiana. Não me afasto de possíveis “condicionamentos”, próprios do ser humano. Todavia, quero deixar explícita a minha postura refratária aos excessos de objetividade. Não creio em ciência neutra; assim como não creio em ciência ausente de emocionalidade: fria, amorfa e asséptica. Prefiro assumir as minhas fraquezas e crescer na procura de veredas mais profundas e possivelmente mais perigosas. A perfeição desumaniza por se julgar infalível, próxima de palcos divinos e apoiada em liturgias dogmáticas. Afasto-me propositadamente de posições reducionistas que em nada engrandecem o conhecimento, antes, empobrecem-se em resguardadas redomas de isolamento. A ciência tem obrigação de projetar-se para além do próprio cientista. Assumindo os meus receios, assumo os meus subjetivismos e sinto-me à vontade para prosseguir na dialética do eu e do coletivo.

A comunidade pesquisada esgueira-se à margem do Capibaribe em péssimas condições de habitação e de salubridade. O rio inverte o seu papel ecológico e se transforma num problema de difícil solução. A sua beleza é ignorada e, lamentavelmente, pouco ou nada decantada. As marés altas invadem as palafitas, arrebatando sonhos e esperanças. A maré baixa dissemina um intenso mau cheiro, com ratos, cobras, insetos, lama, dejetos e toda sorte de imundície que se traduz na inquietação daqueles submetidos à sorte das águas. Este aspecto merece um destaque especial quando, por inúmeras vezes, a população delega à natureza os percalços de um cotidiano imperativamente agressor. O romantismo dá lugar ao desespero, e nada muda o rumo de uma paisagem tão sedutora quanto agressiva. O homem só, a mulher ainda mais só, a rogar ao céu projetos menos constrangedores. Olhos que choram a fome espalhada, mãos que pedem o auxílio de outras mãos, rostos que denunciam contundentes cicatrizes de um tempo morto em perspectivas.

Esgueirando-se, a favela se ajusta a uma delgada faixa que cresce em comprimento, lembrando uma fatia esquecida no meio das intempéries. Uma estreita e sinuosa ruela caracteriza o precário ou ausente planejamento urbano. Não existe qualquer alinhamento, e tudo ocorre na mais perfeita desordem como se o caos há muito desenvolvesse os seus malefícios. De um lado, palafitas, imersas nas águas, a receberem diuturnamente os imprevistos de uma cena pouco hospitaleira. Do outro, casas ou mocambos de madeira ou de tábuas superpostas sem a menor disciplina arquitetônica. O estado de insalubridade é uma constante, causando imensos transtornos que se traduzem em doenças de pele, verminoses, estresse da “deprivação”, nervosismo e até mesmo histerismo. As brigas são rotineiras e se propalam em vozes altas que se confundem com o próprio dia-a-dia, quase biológicas na sua periodicidade. As paredes contíguas não permitem o mínimo de privacidade, a qual se esvai numa platéia acostumada a comungar das aflições do vizinho, do mais próximo ao mais distante. Na verdade, configura-se uma única família, fragmentada em pequenas partículas, átomos de um mesmo estopim, pronto para explodir. A ausência de “intimidade” é tal que as delimitações espaciais servem apenas para aumentar as angústias ao referendarem inexistentes conceitos de propriedade privada. Mas, o capitalismo não se esquece de alfinetar com a sua destemida roupagem até mesmo os mais infelizes, aqueles que ainda não conseguiram partilhar de suas benesses. Abstraídos de qualquer mercado competitivo, porquanto desqualificados profissionalmente, são meros instrumentos utilizados na ciranda monetária. A consciência dessa inferioridade induz a outras inferioridades que, somadas, formam arquétipos de sofrimento, diluídos na mística do fracasso.

Selecionei alguns discursos dentre as 15 Histórias de Vida de mulheres, coletadas na comunidade. Refletem uma síntese do “flash” captado na medida em que esboçam consensos confirmados ao longo da pesquisa. É importante assinalar que a metodologia atendeu inicialmente a uma visão censitária da comunidade, ou seja, quantitativa, apoiada em questionários destinados a diagnosticar a estrutura sócio-econômica, com algumas especificidades familiares, como a sua composição conjugal, consanguínea e relacional - a figura dos agregados pontifica importantes significados-, com posteriores entrevistas efetuadas com donas-de-casa. Houve uma preocupação substantiva de atender ao “estado econômico” do assentamento de baixa-renda, objetivando uma fotografia ampla, conjuntural, dos alicerces fundantes. Entendo como da maior relevância a compreensão de determinadas etapas para, a partir daí, elaborarem-se concepções mais abstratas, seguramente reveladoras de uma mística feminina que não se enquista em pressupostos ilhados, mas que responde as diversas interfaces da macrosociedade. Os questionários e entrevistas foram direcionados às mulheres, donas-de-casa, repito, independentemente de faixa etária. Abarcaram todas as unidades habitacionais, enquanto as entrevistas, em número de 30, aconteceram de forma mais ou menos aleatória, sem um severo rigor técnico, posição aprioristicamente adotada, que, conjugada a

observação direta, sinalizaria frutos positivos. Procurou-se bordejar, todavia, critérios de escolha por número de residência, não obstante tais premissas sofrerem alterações, em vista da precariedade “arquitetônica”, que impossibilitou a adoção de modelos preconcebidos. As “ordenativas” indagações repousaram em variáveis que se adequavam às categorias de análise da pesquisa, quais sejam: tamanho de família, chefia feminina, sexualidade feminina, concepção de maternidade, companheirismo/parceria, relações de parentesco, ajudas vicinais, imagens paterna e materna, trabalho infantil, adultização do menor, uso da mão-de-obra da menina como auxiliar do trabalho doméstico, troca de favores, índice de escolaridade e qualificação profissional. Estes itens manifestaram-se em quase todos os casos, ocorrendo pequenas variâncias que não desvirtuaram o padrão prevalente. Assim, a sua regularidade atentou para a sistematização da problemática estudada. Restringirei, por motivo de espaço e de tempo, o foco geral da pesquisa, o qual apenas recairá na interpretação de algumas “falas” retiradas das 15 Histórias de Vida, buscando pactuá-las dentro da vertente aqui privilegiada, a da **ideologia feminina**, isto é, os valores, costumes, hábitos, preceitos e preconceitos instalados na formação psicológica da mulher de baixa renda. Ao me referir insistentemente a categoria de classe, faço-o na certeza de que a patogenia brasileira nasce de origens estruturais, delineando matrizes “genéticas” que exercem influências devastadoras na conquista da identidade e da cidadania.

O eu rechaçado invoca razões substantivas capazes de justificar a dicotomia dominador X dominado, macho X fêmea. Nascer mulher já, por si, denota um caminho de submissão, o que afasta a responsabilidade de tantos infortúnios. É interessante a maneira pela qual o inferior, acoplado ao conceito de culpa, é absorvido quase a haurir escudos protetores que são representados por esquemas de sobrevivência bem montados e até mesmo catárticos. Nada melhor que amenizar a realidade com suaves amortecedores:

“Quando nasci, pequenininha, já sabia da minha sina. Ninguém pode modificar o mundo, e eu, muito menos, esquecida nas terras de ninguém. Com 5 anos trabalhava em casa para ajudar a minha mãe, que tinha muito o que fazer e ainda lavava roupa para fora. Acordava cedo e ia pegar água no chafariz. Depois, preparava o mingau dos meninos e acudia a limpeza da casa, que era difícil porque o rio sempre pregava peças, sujando tudo o que se arrumava. Nasci aqui e aqui me criei. Tenho 23 anos. Moro sozinha com os meus filhos, e a vida continua igualzinha à de antes. Aqui nada muda, a não ser a miséria que aumenta... (...) Sou mulher e carrego o peso de menstruar, mas, em compensação, posso ter filhos, o que é privilégio só da mulher... Não sou livre. A senhora já viu mulher livre? Mas, os homens têm muita inveja porque a gente sabe cuidar de coisas que eles não sabem. No fundo, somos todas superiores e, graças a Deus, tenho muito para dar. Vivo em casa na santa paz. A comida é pouca, mas eu sei bem dividir os pedaços, e acabo distribuindo, um dia mais outro menos. Os homens não têm capacidade para nada. Somente se satisfazem com os pecados do mundo. A virtude é o maior

dos caminhos. Sou generosa porque ajudo aos meus vizinhos e sei o quanto eles precisam. A culpa da mulher é grande mas a gente convive com as nossas grandes virtudes” (Ivanise, 23 anos).

Há um emaranhado de desejos que afloram na verbalização de Ivanise. A sina ou a fatalidade está presente, porém, ela suporta a dor de ser mulher pela superação desta dor ao recorrer a anestésias que, se não demovem as causas, pelo menos atenuam a rotina preconcebida em pilastras de eternidade. O ser mãe assoma glórias inatingíveis, suficientes para equilibrar outros dilemas, que se reduzem diante da sacralização do gerar. Conceber o filho implica a subida ao pódio do triunfo. “(...) enquanto a mulher for definida universalmente em termos de um papel amplamente maternal e doméstico, seremos responsáveis por sua subordinação universal” (Zimbalist Rosaldo, Michelle e Lamphere, Louise 1979, pg 25.).

A atitude aparentemente passiva pode lembrar acomodação, mas se mistura a lampejos de felicidade, que esta mulher precisa pinçar para continuar na peleja doméstica. Com 3 filhos, sem companheiro fixo, viveu a sua primeira experiência sexual aos 14 anos, com o namorado, por quem foi apaixonada. Entregou-se e aí se perdeu, atribuindo ao hímen a sua diluída identidade. Perder-se equivale a desgraça de fragmentar-se em pedaços que se espalham além da sua vontade e que denigrem critérios de integridade. Tudo passa a ser diferente quando a mulher oferece o seu corpo ao homem para desvirginá-la. O mundo se arrebenta aos seus pés caso o companheiro não aceite casar ou legitimar o fato através da instituição familiar. Abandoná-la significa rejeitar os códigos sociais, aumentando a inferioridade de ser mulher. O perder-se é sinônimo de desintegração, o que deve ser evitado, malgrado a carne ser fraca. O hímen simboliza o valor maior e único que esta mulher, vilipendiada e relegada a planos de solidão, ostenta. A inferioridade é tanta que somente o corpo pode salvá-la, o instrumental que lhe confere dignidade. A redenção rebate no próprio corpo, oferenda de prazer, de ascensão e também de flagelo. Analfabeta ou semi-analfabeta – autoclassificou-se como lendo e escrevendo o nome-, não se admite em competição com o mundo externo, ensimesmando-se em profanos oráculos do saber. Uma sabedoria que se quer menos pública que privada, afeita às coisas do doméstico, o palco da sua existência:

“Me perdi com 14 anos e aí perdi tudo. A vagina da mulher é o diamante da vida. Sem ela, a gente não se levanta mais. Cai no fogo do inferno e vive se amargurando por aí. Não entendo destas coisas, mas sinto que a mulher foi feita para servir ao homem e aceitar a sua vontade no momento que ele quer. Entendo tudo dentro de casa, o resto fica para a esperteza do homem, que já nasceu pronto para enfrentar o que é difícil”.

A idéia da perdição me impressiona. Principalmente quando essa perdição é imputada à sexualidade, já severamente esgarçada. Não bastassem os mecanismos de alijamento social que o sexo culturalmente impõe, com privilégios para o macho e condenação para a mulher, o hímen ainda é defendido como o Messias, salvador da honra feminina. E o pior é que a mulher se

embebe de tais idiosincrasias a ponto de defender a sua própria “impureza”. Que impureza é essa que acomoda duas morais em prol de um figurino machista e patriarcal, apologético do membro viril masculino? O falos é reverenciado como o prêmio da potencialidade humana. Ivanise é jovem. Contudo, a sua versão cosmogônica apega-se a “idiomas” extremamente arcaicos a corroborar decepções antigas que ela descreveu com melancolia:

“Fui apaixonada pelo meu primeiro namorado. Engravidei e ele sumiu... Todas as minhas esperanças morreram. Quando a gente é jovem carrega tanta ilusão! Pensava em casar direitinho, ter filhos e uma família bonita para sustentar. Mas, Deus não quis. Pobre tem poucas chances. A gente rasga a fantasia logo cedo, assim que perde a frescura da virgindade”.

A culpa reacende e a sina também. Ambas subseqüenciam as cicatrizes que se cristalizam a cada cotidiano. E o que fazer se o traçado há muito transcreve a marcha da negação?

A dicotomia é evidente, e a mulher acumplicia as “verdades” do outro, como uma forma de adaptar-se sem mácula à inferioridade que lhe parece irreversível. Cúmplice, mas mártir da sociedade, logo arrebatadora de grandes vitórias encobertas pela perda filosófica do existir. Até que ponto a sua vitória sedimenta a derrota de se esconder silenciosamente entre os bastidores do caso?

Antônia reforça a culpa e as decepções do cotidiano num discurso bonito e metafórico, que não apaga, todavia, os rituais litúrgicos da inferioridade:

“Já vivi muito. Estou cansada de olhar o sol se pondo. De manhã abro a janela e me ilumino com a esperança do dia. As tarefas da casa me tomam todas as horas e quase não tenho tempo para mim. Meu rosto está velho e sei que não posso reclamar porque meu marido é agora carinhoso porque vive em cima da cama e precisa de mim. Antes me batia e sofria muitas humilhações. Tive muitos filhos, mas estes já estão no mundo. Sinto-me só e sem forças para lutar por alguma coisa. A morte começa quando a mulher nasce. É o seu destino. Por isso, ela precisa sempre do homem como um agasalho que diminui o frio” (Antônia, 50 anos).

O fado é pesado. A inferioridade é a porta de entrada e de saída. Por mais que procure a libertação, as grades são invisíveis ou visíveis, e aprisionam corpos e mentes em claustros indesejados. O sentido de proteção atribuído ao homem aponta uma dependência psicológica que vai medrando a sua personalidade e ofuscando qualquer vó de identidade. “Os medos, imbuídos na formação da mulher, fazem-na psicologicamente tênue e receptora do apoio físico e mental do macho. A insegurança e instabilidade persistem, condicionadas à influência da ideologia dominante, eminentemente machista. (...) O lastro de historicidade do homem constitui um respaldo cultural, altamente fortalecido pela estrutura social. O seu passado arrasta marcas profundas e enraizadas de um homem vencedor e vitorioso. Torna-se evidente que monopolizador de direitos que lhe favorecem, não prescinde facilmente destes modelos tão gratificantes e egolátricos. A força do homem se revela no

quotidiano como um fenômeno que deve ser lembrado e reverenciado. Seja no elogio à virilidade, seja no monopólio da inteligência, seja no respeito à autoridade. Este trinômio de superioridade deve ser enobrecido como símbolo inerente à continuidade do poder masculino. E a mulher, na sua desfavorável circunstância, revitaliza os informes de uma socialização defeituosa, através da explicitação de conceitos contrários a sua natureza existencial” (Quintas, 1986, p. 140).

Conversei muito com Antônia, e o seu desânimo foi a tônica dominante. Morava numa casinha, talvez a melhor da favela, logo na entrada, onde a composição habitacional é mais adaptada à realidade circunvizinha de um bairro de classe média. Antiga habitante da comunidade, a sua apatia chocava, provavelmente pelo quadro deprimente do marido, acometido de derrame cerebral e inválido em cima da cama, embora o processo patógeno não tivesse alterado o cérebro. A ambiência exalava o cheiro da morte que se traduzia nas abúlicas frases da entrevistada - infelizmente não tenho oportunidade, neste sucinto artigo, para abordar a dimensão de morte na pobreza, tema que muito me atrai pela complexa teia filosófica que o circunda. A solidão marcava a sua fisionomia, ofertando-lhe sentimentos contraditórios que se diluíam entre cromos e retratos antigos pregados na parede. Os calendários tentavam remeter à idéia de tempo, que se associava aos rétratos amarelecidos e apagados, erguidos no santuário do passado. Sem dúvida, o passado se instalava na casa de D. Antônia como a grande marca de vida. O resto apenas lembrava o que já se foi. Recebia uma pequena renda da aposentadoria do marido; a vizinhança ajudava muito em virtude da aguda enfermidade que suscitava sentimentos piedosos. Apesar do pouco dinheiro, não reclamou de precariedades materiais, o que me chamou a atenção. Compreendi que o cotidiano agônico era maior que qualquer outro sintoma de insatisfação. D. Antônia estava morta com a proximidade da morte do outro, ou, essencialmente, como diria Gabriel García Marquez, com a morte repetidamente anunciada (1981). Talvez, o renascer dependesse da morte do marido. O advir esquadrihava-se na solidão de ser, não necessariamente mulher, mas um ser humano sem esperanças.

Quando indagada sobre a juventude, esquivou-se em responder. A distância que a separava da felicidade impedia-a de recordar. Preferiu optar pelo presente, devorador de sonhos. Assim, era mais fácil prosseguir na caminhada tão amarga quanto factível.

Josefa conta a sua história com ares de importância. Tem um porte bonito, um corpo sensual, e sabe de seus dotes físicos. Trinta anos de pleno vigor. Respondeu com entusiasmo às perguntas e indagou muito sobre a minha vida. Quatro filhos e trompas ligadas. “Solta na buraqueira”, conforme registrou. Seu último companheiro a abandonou. A auto-estima não se abalou, o que conferiu, de minha parte, um certo prazer ao interrogá-la:

“Fiz até a quarta série primária. Não tenho grandes estudos, mas conheço muito bem a vida. Nunca me casei. Namorados não me faltaram. Sempre gostei de dançar e arrumei muita paquera por aí. Já trabalhei num

bar, como garçõnete, e achei um barato porque recebia muitos elogios. Sei que fui usada por muitos homens. Gostava de namorar. Saía todas as noites e transava muito. Perdi as contas dos homens que tive. Uns oitenta ou cem. Adorava as carícias do começo. Nunca gostei do ato sexual. É chato e incômodo, mas todos os homens exigem. E acabava cedendo porque adorava os beijos e os abraços. Sei que sou desejada, mas também sei que o que vale em mim é a beleza e nada mais. A mulher é um cisco e nada é importante. O que sobra é o corpo bem feito para agradar o macho. Estou feliz porque Deus me deu esta carne palpitante que atrai o homem. Quando envelhecer, serei uma a mais na lata do lixo. Como todas nós: acabamos na miséria de não ser ninguém.

A sedução, a arma de Josefa. Ela defende o seu arsenal bélico como ninguém. O jogo da conquista reflete, mais uma vez, a exibição do corpo e do sexo como instrumentos de uso e consumo. Os homens a cobiçam pelos encantos epidérmicos, nada mais. A sua consciência é diáfana, o que não deixa de endurecer sentimentos: “Quer quando o homem desfruta de uma posição de poder no mundo do trabalho em relação a mulher, quer quando ocupa a posição de marido, companheiro, namorado, cabe-lhe, segundo a ideologia dominante, a função de caçador. Deve perseguir o objeto de seu desejo, da mesma forma que o caçador persegue o animal que deseja matar. Para o poderoso macho importa, em primeiro lugar, seu próprio desejo. Comporta-se, pois, como sujeito desejante em busca de uma presa. Esta é o objeto de seu desejo. Para o macho não importa que a mulher objeto de seu desejo não seja sujeito desejante. Basta que ela consinta em ser usada enquanto objeto.” (Saffioti, 1987, p. 18).

Seus olhos brilharam durante toda a conversa, e anotei alguns silêncios que falaram muito, procurando ocultar sentimentos que não valeria a pena serem explicitados. Havia um certo mistério que envolvia o charme e a beleza, como a força matriz de um xadrez que deveria ser partilhado aos poucos sem um desnudamento completo. Enquanto o corpo falasse de sensualidade, tudo se adaptaria ao elogio hedonista, merecedor de efusivos aplausos. Com a decadência física, ruirão outras decadências provenientes da natureza humana, ancorada em parâmetros de “orgia” e em valores artificiais e supérfluos. “O estudo do corpo humano e da sua percepção em diferentes épocas e lugares revela um importante elemento de simbolismo cultural que tem fortes implicações com a sexualidade...(…) o corpo deve ser encarado como uma metáfora da sociedade. (...) há uma forte correlação entre o modo como as pessoas vêem seu corpo e o modo como vêem a sociedade a que pertencem”. (Highwater, 1992, pg. 20.). O jeito de mulher requisitada e orgulhosamente cobiçada permeia a linha temática da conversa. O materialismo culmina em apelos sexuais, sempre bem-vindos ao conforto do ego. O prazer da conquista reflete a troca de favores, isto é, a relação capitalista, muito evocada nas entremensagens. “Não se trata de as identidades das mulheres serem fracas por natureza. A imagem “ideal” adquiriu uma importância obsessiva para as mulheres

porque era esse seu objetivo. As mulheres não passam de “beldades” na cultura masculina para que essa cultura possa continuar sendo masculina” (Wolf, 1991, p. 77).

Se o implícito torna nebulosas algumas declarações, o explícito assoma abissais inquietações e carrega um imediatismo, próprio de comunidades carentes. O que importa é o agora e o hoje. A vida vale pelo instante vivido. O amanhã é duvidoso, como será duvidosa a permanência da sua beleza. Por isto, urge acelerar os passos da batalha, sobretudo quando alguns “rounds” já estão vencidos. Nascer é o começo de uma luta da qual sairão vencedores e vencidos.

A beleza reclama o imediato, que se apóia no agora e determina uma série de condutas iminentes, para as quais não se devem dirimir dúvidas: a velhice está por chegar, e o tempo corre independentemente de qualquer aceno de misericórdia. A tríade do passado, presente e futuro está para além de nós mesmas e merece uma genuflexão, quase que um ato de impotência diante dos fatos. Quem poderá reverter a síntese do tempo? Para Josefa, o futuro é atemorizador porque nele encontra-se embutida a concepção do tempo e da velhice. Não tardou em referendar o enunciado, a merecer simbólicas traduções:

“Tenho que aproveitar a minha força física. Sou bonita, mas isto não durará muito. A velhice me apavora. A gente fica com a pele seca, e as celulites invadem o corpo. Ai, ninguém mais quer a gente. E o mundo dança. E a gente sobra. Gosto de viver, mas não penso no amanhã. Me dá medo. E tudo que me dá medo, fujo. Ainda bem que sou assim, senão já estaria morta antes dela chegar. A vida do pobre é difícil. É preciso ter inteligência para enganar o destino”.

E inteligência não lhe falta. O seu apego à vida reclama o apego à beleza. Driblar o destino é fácil quando o belo se impõe como fórmula mágica. A varinha de condão guiará os rumos da travessia. Em nenhum momento Josefa descarta a fantasia que paramenta a sua trajetória. Sonhos soçobram. Ainda há que desafιά-los, por que não? Depende do corpo rijo a corresponder aos impulsos da sedução.

De todas as entrevistadas, foi a única que explorou com sabedoria a arte de viver. Apegada a “superstições sociológicas”- aqui no sentido de ferramentas capitalistas responsáveis pela construção de um sistema claro de trocas-, retira alianças explosivas no manuseio da sua dialética. E o faz com maestria, dosada de um senso comum irretocável. Ao lado desta “eficiente objetividade”, não despreza os veios mágicos da realidade favelada. Crê com veemência nos mitos infalíveis da mídia. E a magia corre frouxa, capaz de minimizar os atropelos da rotina. O Baú da Felicidade ou a Porta da Esperança sacodem o seu otimismo com rasgos de soluções paradisíacas. A Loteria premia os afortunados. E a sorte também. Por que não fazer uso dos seus “duendes” se eles prometem a Pasárgada das ilusões? Mais que uma projeção de sonhos, é o próprio sonho a reelaborar a realidade. Os códigos de acesso devem ser descortinados para acolher

as inúmeras esperanças depositadas no trono do rei. Que elas venham conviver entre os mortais de modo a provar a sua eficácia. Nada mais interessante que assinalar esta passagem:

“Silvio Santos, como eu, foi pobre. Era camelô. Venceu porque a sorte lhe favoreceu. Ele não era nenhum Deus. Era gente de carne e osso, mas agora é rico pra burro. E a riqueza esta perto de Deus, não é mesmo? Os ricos já vivem no céu, gozando as delícias deste mundo cheio de prazeres. O ‘Homem sorriso’ vive no mundo e eu dentro de casa. Esta a grande diferença”.

Pobreza X Riqueza, Público X Privado, Magia X Sorte. Uma síntese que se confunde na figura de Silvio Santos, tão poderoso quanto Deus, mas soberbamente humano enquanto alpinista do poder. Um poder distante que pode se transmutar do dia para noite, a depender dos flancos abertos de batalha. E Josefa não desconhece esses flancos. Poderá não usá-los por falta de sorte ou por sina de ser mulher, sempre esquecida na sua invisível morada do Lar. Os espaços Público e o Privado são discutidos em planos distintos de atuação. “Não são poucos os estudos que têm mostrado a universalidade e a persistência de uma divisão sexual do trabalho, que atribui aos homens as atividades de caráter produtivo, geradoras de renda e desenvolvidas no espaço público, e as mulheres as tarefas reprodutivas, por elas entendendo-se tanto os cuidados com o bem-estar físico e emocional dos membros da família -incluindo alimentação, limpeza, vestuário, higiene pessoal e saúde física e mental - quanto a própria moradia e a criação e educação dos filhos” (Bruschini, 1990, p. 106.)

O Público para os homens. O Privado para as mulheres, cansadas de se apagarem no *locus* da inutilidade. Ao homem, os desafios das decisões importantes; à mulher, o niilismo do ostracismo. Assim, definem-se os segregados papéis sexuais, situando-os em esferas opostas e conflitantes. Não se pode dar a mão ao Diabo e a Deus. Ou se agrada a um ou a outro. A ambos, impossível!

Josefa consegue agregar uma série de questionamentos que refletem a sua ansiedade diante do passar do tempo e, mormente, diante da sua própria miséria. Conduz o diálogo ou monólogo - falei pouco - com bastante perspicácia, procurando enevoar os vazios que a floram. Esperta, aliás espertíssima, revela um discernimento além do previsto (possuía somente a 3a série, e não apresentou qualquer qualificação profissional que pudesse ser apontada). Vivia de lavagem de roupa, em precárias condições econômicas, mas, com certeza, conseguia alguns ganhos adicionais em encontros de bares da periferia. Jamais mencionou tais encontros, embora recorresse sempre a sua beleza como jogo de sedução, o que leva a acreditar em lucros sexuais.

Margarida simboliza a dona-de-casa conformada e habituada a lidar com partos consecutivos. Seis filhos de três homens diferentes. Exuberante em palavras, discorreu sobre a sua vida com muita fluência, sendo poucas vezes interrompida. A sensação que dava era a de que eu, na qualidade de pesquisadora, saberia ouvir com paciência os seus jorros de necessidade verbal. E assim aconteceu. Deixei que os suspiros e as frustrações eclodissem quase

num gesto de agradecimento a sua boa-vontade. Falou, falou, falou... A mais longa entrevista: durou duas semanas com visitas diárias. Tentarei resumir alguns pontos, os mais relevantes, e alguns recorrentes no discurso:

“Quando nasci, minha mãe achava que eu não dava para nada. Entrei na escola com 8 anos e pouco aprendi. Minha cabeça é fraca e só dá para lavar prato e roupa. Por isso, me conformei com a lida da casa, que é, aliás, o lugar da mulher. Não suporto mulheres avançadas, que, por preguiça, não querem fazer nada e inventam coisas diferentes. Eu, cá comigo, conheço o meu lugar e nunca pensei em sair dele. Vivo sozinha, com meus seis filhos, quer dizer, uns já estão casados, a outra mora em São Paulo e em casa tenho dois que me dão muita preocupação porque não querem trabalhar. Faço faxinas, mas o dinheiro não dá para sustentar e já me sinto cansada. Com quarenta anos, tenho varizes nas pernas e estou na menopausa, o que me aflige porque tenho suores e calores. Sou velha, sabe, doutora? Quem nasce torto morre torto”.

O sentimento de inferioridade alcança uma dimensão bastante elevada. Atribui o seu fracasso à fatalidade ou a alguma coisa que independe da sua escolha. Uma forma de racionalizar a culpa de derrotas contínuas. Não fala em vitórias. Apenas justifica a sinuosa caminhada como um fator alienígena, com o qual tenta estabelecer uma relação de harmonia para viver melhor. “Isto significa que tanto as mulheres quanto os homens manifestam tendências às idéias preconceituosas a respeito da condição feminina no Brasil. Elas refletem o esquema de dominação social, isto é, a relação opressor/oprimido, que tem suas raízes no sistema patriarcal tradicional brasileiro, onde o senhor era o dono absoluto de seus escravos, sua mulher, sua descendência” (d’Avila Neto, 1980, p.16).

No que tange à menopausa, pronuncia-se com desencanto, desencanto este comum a outras mulheres. A função sexual perde o seu viço e a decadência feminina atinge os píncaros da “desgraça”. Os desejos se acabam, se é que eles ainda existem. Na verdade, Margarida, em nenhum instante, evidencia chamamentos sexuais. Pelo contrário, se automarginaliza em quase todos os aspectos, acreditando que sua tarefa de mulher já havia alcançado o declínio. Em plena maturidade, desvela-se na velhice, sem medo de rasgar os “totens” da juventude na medida em que se julga desagraciada dos louros da jovialidade.

Nunca se casou de “papel passado”, o que a fez considerar-se rejeitada pela sociedade masculina. Os desafetos revestiram-se de um continuísmo que até hoje prevalece. Casar supera os obstáculos morais da pobreza. Pode parecer forte esta frase, e possui, com certeza, um cunho propositadamente enfático. Contudo, o casamento agrega em si mesmo algumas variáveis de suma importância: legalização da família e, principalmente, legalização da prole, sem falar nos aspectos sentimentais, que elevam a mulher à invejável condição de esposa. Escolhida, apreciada, eleita no reino do macho, a população feminina se regozija com a construção de uma nova família, reconhecida e consagrada pela sociedade. A institucionalidade familiar confere um certificado de legitimidade ao grupo e ao sexo, visto pela cultura como de uso ilegítimo

quando em ligações consensuais. “A família não é apenas instituição social, mas também política. Ora, como através dela o Estado regula a sexualidade, o sexo é, também, uma questão política. Basta nos lembrarmos que, em muitos países, as propostas de controle de natalidade são feitas pelo Estado, ou são por ele regulamentadas” (Chauí, 1984, p. 141.).

Na pobreza, o casamento é aspirado como uma expressão incomum de vitória. Poucas mulheres casam. Normalmente adotam o “estilo de companheiros” que, absolutamente, não condiz com a sua vontade. São empurradas para um tipo de status não almejado: aquele que se pauta em parcerias instáveis e efêmeras. O “papel passado” imprime um caráter de durabilidade, aureolado de simbólicas metáforas. E os símbolos robustecem as “vidências sociológicas”, com os seus enigmas elitistas e ratificadores de posições privilegiadas.

A fragilidade familiar, com altos níveis de transformação, concorre para uma “desagregação doméstica” que, por sua vez, apregoa elevados índices de insatisfação. Frugal, descontínua, dilacerada por tensões internas, a estrutura tende a se inviabilizar, manifestando características peculiares ao nicho familiar da pobreza, no que se pode elencar alguns sinais contundentes, embora a maioria deles não tenha sido aqui referida, por absoluta falta de espaço. A partir das citações das próprias Histórias de Vida, pinço alguns temas recorrentes, que afloraram em verbalizações menos ufanistas do que reflexos de incoerências e até de perplexidades. Há que se desenhar uma tela impressionista a pulsar ideais íntimos e interiores. Entre os abismos existenciais, isto é, aqueles que se ancoram apenas no imaginário desejante, pude elencar angústias e inseguranças, que se traduzem em “slogans” travestidos de “cosméticos estéticos”, os quais ensejam fortes e vigorosos disfarces: rotatividade de parceria, diluição da figura paterna, dupla e árdua jornada de trabalho feminino, exploração da mão-de-obra infantil, sobretudo feminina, gravidezes precoces, autoridade conjugal esgarçada, pátrio poder estendido a mulher sem condições hierárquicas de correspondência, promiscuidade afetiva e sexual, relações vicinais concentradas e acionadoras de ambigüidades, chefias femininas a espelharem duplicidade de papéis, encenam um conjunto de átomos desarmonizadores, sempre camuflados por “máscaras”, mas aberrantes e polêmicos, muito à distância do sujeito idealizado de mulher.

Quando aponto estes itens, realçados na linguagem coloquial do discurso feminino, quero, com isto, selecionar as unidades de conflito familiar geradoras da inferioridade da mulher. Não penso em minorar o sistema socializador, responsável pelas deformações de um mapa cognitivo preconceituoso e unilateral. Há, todavia, que adaptá-lo a um contexto micro, impulsionador de um “ethos” historicamente instalado e prefabricado em moldes masculinos. “Não sendo uma mera ‘internalização de papéis’, a socialização é conflituosa. A menina se relaciona com a norma social e esta lhe diz que ser mulher é ser menos. A imagem que a menina constrói de si padece dessa dupla injunção: desejo e medo de ser mulher. O dilema da

feminilidade é sinal de uma inquietude básica entre o desejo da independência e a pressão para o conformismo” (Oliveira Costa, Bruschini, 1989, p. 185.).

E a família, ao se perpetuar em bases fálicas de poder, ajuda a angariar os elementos necessários a perenização de conceitos e preconceitos inferiores e inferiorizantes. O que supostamente sugeriria conquista feminina, como o exemplo de chefias de mulheres, acaba por denunciar condições desiguais de mando. “O modelo cultural dominante brasileiro, tal como a cultura ocidental em geral, estabelece que o chefe do grupo doméstico é o marido-pai. O modelo traz implícito que grupo doméstico e família são co-extensivos e equivalentes. Em outras palavras, o princípio governante é o sexo.”(Woortmann, 1987, p. 65). Por outro lado, a mulher pobre não logra este espaço por atos voluntários de independência. Antes, cultua a versão tradicional de família burguesa, nos paradigmas aceitáveis das classes dominantes. A população feminina, economicamente marginalizada, é conservadora e se orgulha dos valores patriarcais aclamados como benfeitores da união parental e conjugal. Afinal, a sua inserção no mundo se dá via hierarquia de poder, e não poderia ser outra a cosmovisão internalizada. Solidária com a bússola capitalista, que a seduz aos dilemas do patriarcalismo e, igualmente, a seduz ao consumo como valor absoluto de felicidade, a sua pálida participação na competição desenfreada de bens materiais e de escalada de poder a reduz ao cativo e ao isolamento.

Comparsas de uma mesma solidão, álibis inconfessas dos símbolos machistas, submissas às regras da normatização social, pouco proféticas na visão de futuro, imberbes de novas esperanças, as mulheres faveladas aceitam o jugo masculino, vozes silenciosas de um crepúsculo declinante. Oprimidas, partilham de uma labuta diária, longe de emblemas libertários. Quando chamadas a falar não se furtam e bradam as suas insatisfações, na tentativa de idealizar uma sociedade mais justa. Os clamores serão ouvidos, algum dia, em algum lugar, na manhã renascedora que acenará com horizontes coloridos. E o poeta poderá repetir a canção entoada nas emoções que se sucedem nos sonhos de cada uma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- BRUSCHINI, Cristina. *Mulher, casa e família*. São Paulo: Vértice, 1990.
- 2- BARBOSA LIMA, Sandra A. *Participação social no cotidiano*. São Paulo: Cortez Editora, 1983.
- 3- BOTT, Elisabet. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976.
- 4- CORRÊA, Mariza. *Morte em família*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- 5- CHAUI, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

- 6- D'AVILA NETTO, Maria Inácia. *O Autoritarismo e a mulher: o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.
- 7- GARCIA MARQUEZ, Gabriel. *Crônica de uma morte anunciada*. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- 8- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 14. ed. Recife: Imprensa Oficial, 1966.
- 9- _____ *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.
- 10- HIGHWATER, Jamake. *Mito e sexualidade*. São Paulo: Editora Saraiva, 1992.
- 11- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- 12- LAMPHERE, Louise; ZIMBALIST, Rosaldo Michelle. (org). *a mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- 13- LEWIS, Oscar. *Una muerte en la familia Sánchez*, México: Mortiz, 1976.
- 14- QUINTAS, Fátima. *Sexo e marginalidade: um estudo sobre a sexualidade feminina em camadas de baixa renda*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- 15- _____ *Casa & família. O cotidiano feminino. Cadernos de Estudos Sociais*, Recife: Ed. Massangana, v. 5, n. 1, Jan/julho, 1989.
- 16- AFONSO, Lucia; SMIGAY, Karin Von. Enigma do feminino, estigma das Mulheres. In: COSTA, Albertina Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (org.). *Rebeldia e submissão*, São Paulo: Vértice, 1989.
- 17- WOLF, Naomi. *O Mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- 18- WOORTMAN, Klaas. *A Família das mulheres*. Rio de Janeiro: Tempo Universitário/ CNPq, 1987.
- 19- SAFFIOTI, Heleieth. *O Poder do macho*. São Paulo: Ed. Moderna, 1987.
- 20- _____ *A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.